Giovanni Lombardo, A Estética da Antiguidade Clássica, Lisboa, Ed. Estampa, 2003.p. 14

**Da Estética Antiga**

«A disciplina a que, em meados do século XVII, Alexander G. Baumgarten impôs o nome de “estética” ─ entendendo assim a doutrina do conhecimento sensível e da sua perfeita realização na beleza ─ não teve na antiguidade, portanto, um território teórico próprio: mas esta falta de autonomia não nos permite ignorar os contributos que o pensamento grego e romano deu à história da estética ocidental. Com efeito, é claríssimo que “a investigação na área da estética teve início na Europa mais de dois mil anos antes que se encontrasse para ela um termo específico e se constituísse um campo de estudos autónomo”. Em certo sentido, aliás, a dimensão predominantemente heterónoma da antiga visão do belo e da arte contribuiu para determinar a “mais forte coloração estética das outras formas de compreensão do ser”, já que no tempo em que “não havia uma estética enquanto tal, também não havia nada que não fosse estética”. A verdade é que, não tendo chegado a elaborar uma noção completa de autoconsciência, a antiguidade quase atingiu a dimensão subjectivista da experiência estética; mas também é verdade que se, por exemplo, num plano mais geral, é hoje possível interpretar algumas personagens do drama antigo ─ digamos: Orestes em Ésquilo ou Antígona em Sófocles ─ como os precursores do carácter e da consciência individual próprios do homem moderno, no plano específico da estética, é igualmente possível captar algumas aquisições do pensamento antigo (digamos: os aspectos cognitivos da concepção platónica do belo e da concepção aristotélica da obra literária ou certas declinações helenísticas da [p. 15] phantasia ou ainda a ideia longiniana do sublime) o andamento da sensibilidade moderna.

É evidente que as afinidades não podem fazer-nos esquecer as diferenças. A estética moderna está habituada a procurar a beleza sobretudo na obra de arte e a admirá-la enquanto representação de um significado independente de qualquer vínculo utilitarista ou moral, A estética antiga [se assim lhe quisermos chamar por ser para nós mais prático], porém, assume a arte entre as competências técnicas e artesanais, e (sobretudo no caso da poesia) destina os seus produtos a uma fruição predominantemente pública entre os espaços institucionais como, por exemplo, o simpósio, a festa e os ritos religiosos. Os antigos mantêm separadas, portanto, a esfera do belo e a esfera da arte e, conferindo à beleza um fundamento ontológico, procuram as suas manifestações na natureza e, especificamente, no corpo do homem, o mais nobre entre os seres naturais. Precisamente graças a este primado, o homem pode exprimir a sua beleza, não só na proporção das formas físicas, mas também na dignidade dos comportamentos práticos. Daí a relação forte entre o belo e o bom que, na Grécia clássica, encontra a sua expressão suprema do ideal formativo da Kalakogathia, ou seja, na condição de quem sabe demonstrar-se, precisamente, belo e ao mesmo tempo bom […].».